

# 'Marca de Sujeito' em Algumas Línguas Jê (Macro-Jê): Fontes Diacrônicas e Gramaticalização

Maxwell MIRANDA\*

\* Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB (2014). É docente no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, *Campus* Universitário do Araguaia, em Barra do Garças, Mato Grosso, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - PPGEL, no Instituto de Linguagem, da mesma universidade, no *Campus* de Cuiabá. Contato: maxwell.miranda@ufmt.br

## Resumo:

Este artigo examina as prováveis fontes diacrônicas a partir das quais os marcadores de caso nominativo *tóg* e *ra* desenvolveram-se nas línguas Kaingáng, e Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna respectivamente, nas quais eles têm sido referidos genericamente como 'marca de sujeito'. O estudo parte do trabalho pioneiro do professor Ludoviko Carnasciali dos Santos e, ao mesmo tempo, explora essa propriedade nas duas primeiras línguas, para as quais ele dedicou boa parte de sua produção acadêmica. A análise dos dados fundamenta-se na teoria da gramaticalização, de acordo com a qual foi permitido estabelecer fontes diacrônicas distintas para marcadores de caso nominativo, embora elas estejam relacionadas ao domínio conceitual da dêixis espacial. Em face das diferentes funções gramaticais apresentadas pelos marcadores de caso nominativo, argumenta-se que essa multiplicidade de usos constitui um caso exemplar de poligramaticalização. Embora esses marcadores de caso tenham surgido de fontes lexicais distintas, os resultados obtidos conectam as línguas Kaingáng, Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna em termos desse processo de gramaticalização e lança luz sob características gramaticais ainda pouco exploradas nos estudos sincrônicos e diacrônicos de línguas Jê (Macro-Jê).

## Palavras-chave:

Caso. Nominativo. Gramaticalização. Línguas Jê.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 3, p. 78-92, dez. 2022*

*Recebido em: 05/04/2022*

*Aceito em: 22/09/2022*

# ‘Marca de Sujeito’ em Algumas Línguas Jê (Macro-Jê): Fontes Diacrônicas e Gramaticalização

Maxwell Miranda

## INTRODUÇÃO

Relações gramaticais e sua expressão formal em diferentes padrões de marcação de caso têm sido um tópico razoavelmente bem explorado a partir de línguas da família Jê (Macro-Jê). Embora tais línguas sejam próximas do ponto de vista lexical, existe uma notável variação entre elas quanto aos mecanismos gramaticais em que funções sintáticas são codificadas e marcadas em cada padrão oracional. Dentre essas, a função de sujeito é a que tem recebido maior atenção, devido ao fato de, em certos tipos de predicados, ser o constituinte marcado, cujo tratamento diferencial é baseado geralmente na transitividade e finitude da oração. Ao lado desses casos mais típicos, algumas línguas, como Laklânõ (Xoklêng) (GAKRAN, 2005, 2015), Kaingáng (WIESEMANN, 1986, 2002), Kĩsêdjê (Suyá) (SANTOS, 1997, 1999a, 1999b) e Tapayuna (CAMARGO, 2015), exibem um padrão em que argumentos nominais no papel de sujeito recebe um marcador gramatical específico, independente da transitividade da oração e tipo de predicado, assim como as propriedades gramaticais que o regulam podem variar de uma língua a outra. Além disso, essas línguas diferem em termos de forma e número de marcadores gramaticais, os quais têm sido convencionalmente referidos na literatura sobre línguas Jê pelos termos ‘indicador de sujeito’ (WIESEMANN, 2002, p. 159), ‘partícula sufixal’ (GUEDES, 1993, p. 102), ‘marca de sujeito’ (CAMARGO, 2015, p. 152; GAKRAN, 2015, p. 163; GONÇALVES, 2011, p. 13-14; NASCIMENTO, 2013, p. 38; SANTOS, 1997, p. 100) ou ‘caso nominativo’ (D’ANGELIS, 2004, p. 73; NONATO, 2014, p. 13).

O ponto de partida (para não dizer de inquietação) deste estudo foi a descrição da língua Kĩsêdjê (Suyá) realizada pelo professor Ludoviko Carnasciali dos Santos<sup>1</sup>, na medida que tenho buscado relacionar certas propriedades gramaticais a um maior número possível de línguas em trabalhos recentes (CABRAL; MIRANDA; GAKRAN, 2018; MIRANDA, 2019, 2020, 2021). O trabalho de Santos (1997) é caracterizado pelo seu pioneirismo, ao desbravar e abordar algumas características gramaticais mais típicas dessas línguas e, ao mesmo tempo, incorporar outros tópicos que se tornaram essenciais na Linguística Jê, por exemplo, a natureza nominal de formas verbais distinguíveis com base em seu comportamento morfológico e sintático na oração<sup>2</sup> ou o sistema de marcação de caso e suas cisões que se manifestam em diferentes configurações gramaticais<sup>3</sup>. Descrições linguísticas subsequentes direta ou indiretamente passaram a incluir tais tópicos dentro das especificidades de cada língua.

O propósito deste artigo é examinar a origem diacrônica e, conseqüentemente, o percurso de gramaticalização dos morfemas *tóg* e *ra* (~ *ta*) nas línguas Kaingáng, Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna, respectivamente, denominados como ‘marca de sujeito’. Curiosamente, as duas primeiras línguas foram as que Ludoviko C. dos

<sup>1</sup> A descrição linguística foi apresentada como tese de doutorado, em 1997, na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucy Seki. Antes de Santos (1997), a língua Suyá contava apenas com a descrição de Guedes (1993), que trata da fonologia e aspectos gramaticais.

<sup>2</sup> Shell e Quain (1952, p. 119, 121) foram os primeiros a mencionar a existência de um processo de sufixação em temas verbais a partir da língua Krahô. Popjes e Popjes (1986), em sua análise das variedades Canela (Ramkôkamekra) e Krahô, introduziram a terminologia *forma longa* e *forma curta* do verbo, sem atribuir um *status* morfológico a tal contraste no último caso. Em ambas as análises, a forma longa é comumente associada ao tempo passado (POPJES; POPJES, 1986, p. 192) e à posição não final da oração, quando o verbo não é seguido por outros elementos.

<sup>3</sup> Urban (1985, p. 186-187) havia chegado a conclusões similares ao chamar a atenção para as particularidades da língua Xoklêng no que diz respeito à ergatividade cindida nela e em outras línguas Jê.



- b. rɔtʃí    **ra**    mĩtʃí    pĩ  
sucuri    MS    jacaré    matar  
‘A sucuri matou o jacaré.’ (SANTOS, 1997, p. 165)
- (2) a. **wa**    ŋgrɛ  
1SG    dançar  
‘Eu dancei.’ (SANTOS, 1997, p. 159)
- b. **i-ŋgrɛ-re**                    mã  
1SG-dançar-NMLZ    FUT  
‘Eu dançarei.’ (*Idem*: 161)
- (3) a. hẽn    **wa**    hwĩŋgrɔ    y-anto  
ASP    1SG    lenha    R<sup>1</sup>-cortar  
‘Eu cortei lenha.’ (SANTOS, 1997, p. 78)
- b. **irɛ**                    s-anto-ro                    kere  
1SG.OBL    R<sup>2</sup>-cortar-NMLZ    NEG  
‘Eu não cortei ela.’ (SANTOS, 1997, p. 78)

Além da marcação do sujeito, outros contrastes formais são notáveis, sobretudo em relação à forma do verbo, quando o núcleo de orações principais é modificado ou dependente estruturalmente de elementos pós-verbais. Esses elementos abrangem certos tipos de advérbios (modo, intensidade e negação) (3b) ou o morfema *mã* para expressar tempo futuro (2b). A relação de dependência com tais elementos desencadeia a nominalização da oração, cujas funções sintáticas expressas por pronomes pessoais independentes (nominativos) são reajustadas para àquelas típicas de sintagmas possessivos, em que os argumentos S/O são indexados diretamente no núcleo verbal como o possuidor de nomes inalienáveis, enquanto o argumento A é marcado pelo morfema *rɛ* em um sintagma oblíquo. Em outras línguas, como o Krahô (Timbira), Xavante e Xerente, este morfema corresponde à posposição genitiva *te/te* com função gramatical análoga em sintagmas genitivos, predicados possessivos e orações nominalizadas (MIRANDA; COSTA, 2019).

Há ainda casos que desviam claramente do que seria esperado, ainda que em menor frequência, como por exemplo, a possibilidade do objeto direto receber também tal ‘marca de sujeito’, como em (4).

- (4) a. nira=n    katwa    kãm    mbri    ŋ-ĩ    tʃí    **ra**    aku  
3SG=TOP    sal    POSP    bicho    R<sup>1</sup>-carne    muito    MS    comer  
‘Ele comeu muita carne de bicho com sal.’ (SANTOS, 1997, p. 129)
- b. hẽn    wa    i-ndɔkɔ    ndip    **ta**    pi  
ASP    1SG    1SG-camisa    novo    MS    pegar  
‘Eu peguei minha camisa nova.’ (SANTOS, 1997, p. 109)
- c. rɔp    na    kukwəy    **ra**    ku-pĩ  
onça    TOP    macaco    MS    R<sup>2</sup>-matar  
‘A onça matou o macaco.’ (SANTOS, 1997, p. 130)

A língua Tapayuna comporta-se igualmente ao Kĩsêdjê (Suyá) do ponto de vista da distribuição da ‘marca de sujeito’ em predicados verbais, como (5a) e (5b), e não verbais, como (5c), mas não em relação à marcação do objeto direto. Além disso, há situações em que a ‘marca de sujeito’ também não ocorre, como em (6).

- (5) a. wĩtʃĩ    **ra**    thi  
 jacaré    MS    morrer  
 ‘O jacaré morreu.’ (CAMARGO, 2015, p. 85)
- b. kē    rɔ    wēthō    **ra**    a-kura  
 pedra    INST    alguém    MS    2SG-bater  
 ‘Alguém bateu com a pedra em você.’ (CAMARGO, 2015, p. 87)
- c. ŋgojrã    **ra**    kahri  
 copo    MS    cheio  
 ‘O copo está cheio.’ (CAMARGO, 2015, p. 167)
- (6) wēwi    kukwəj    wĩ  
 homem    macaco    matar  
 ‘O homem matou o macaco.’ (CAMARGO, 2015, p. 85)

Por se tratar de línguas muito próximas e, de fato, as únicas do ramo setentrional a exibir esse padrão de marcação de caso, Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna têm sido caracterizadas como línguas de caso nominativo marcado (CAMARGO, 2015, p. 193; SANTOS, 1997, p. 169). Em termos tipológicos, não é incomum que línguas disponham de meios formais para marcar argumentos S/A em oposição à O (veja-se, por exemplo, a discussão de König (2006) sobre nominativo marcado em línguas africanas). A questão a ser considerada aqui é quais mecanismos internos e/ou externos teriam favorecido o surgimento e o desenvolvimento desse padrão nessas línguas, distinguindo-as, conseqüentemente, dos demais membros do ramo setentrional.

## 1.2. Kaingáng

A língua Kaingáng apresenta vários elementos gramaticais que podem marcar o sujeito da oração. Na tradição descritiva dessa língua, tais elementos têm sido denominados genericamente ora como ‘indicadores de sujeito’ (WIESEMANN, 1986, p. 362; 2002, p. 159), ‘marcador de sujeito’ (ALMEIDA; SANTOS, 2008, p. 234; GONÇALVES, 2011, p. 13-14; SANTOS, 2007, p. 147) ora como ‘marcas de caso nominativo’ (D’ANGELIS, 2004, p. 73). Do ponto de vista lexical, esses ‘marcadores’ (doravante MS) corresponderiam a ‘posposições nominativas’ (WIESEMANN, 1986, p. 362) que, para os propósitos da presente análise, interessam-nos particularmente a forma *tóg*.

Ao contrário de outras marcas de sujeito<sup>6</sup>, a forma *tóg* exibe maior flexibilidade sintática e usos bem mais amplos, por exemplo, o constituinte marcado por ela segue o verbo e, neste caso, não enfatiza o sujeito (7a), assim como é o único elemento com o qual pronomes de terceira pessoa podem ocorrer (7b) ou ainda combinar-se com outros marcadores como *vỹ*, indicando que o sujeito é o tópico da sentença (7c). Os dados do Kaingáng são provenientes da variedade falada no Paraná (WIESEMANN, 2002) e foram reinterpretados por mim.

- (7) a. inh=fa    vỹ    nũ-v    kỹ    **tóg**    kãhpar    mũ  
 1SG=perna    TOP    torcer-NMLZ    então    MS    inchado    AUX.PERF  
 ‘Torci a perna, por isso está inchada.’ (Minha perna (está) torcida, então inchou)  
 (WIESEMANN, 2002, p. 74)

<sup>6</sup> O número de elementos que marcam o sujeito pode variar segundo o autor. Além de *tóg*, Wiesemann (2002, p. 160), por exemplo, registra mais nove formas (*je, mỹ, ne, né, nỹ, pijé, tỹ, vé e vỹ*), enquanto D’Angelis (2004, p. 73) apresenta um conjunto bem mais reduzido que inclui as formas *tag, tỹ, vỹ e ne*.

b. goj tá fi tóg gĩr=ag kygpég jẽ  
 água ADV 3SG.FEM MS criança=PL lavar-PL estar.em.pé.AUX  
 ‘Ela está no rio dando banho nas crianças.’ (WIESEMANN, 2002, p. 57)

c. inh=manÿnÿ vÿ tóg kógnã-j nĩ  
 1SG.POSS=banana TOP MS amassar.PL-NMLZ estar.sentado.AUX  
 ‘Minha banana amassou.’ (WIESEMANN, 2002, p. 48)

A forma *tóg* aparece em predicados verbais e não verbais em Kaingáng. Além do sujeito nominal, como em (8), um traço distintivo desta língua em contraste com Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna repousa na sua ocorrência com pronomes pessoais, de acordo com o exemplo (9).

(8) a. fẽnẽnh tóg gãr kagra=ja nĩ  
 tatu MS milho comer=PERF estar.sentado.AUX  
 ‘O tatuzinho comeu todo o milho.’ (WIESEMANN, 2002, p. 18)

b. mru tóg sĩ pẽ nĩ  
 pica-pau MS pequeno ADV estar.sentado.AUX  
 ‘O pica-pauzinho é bem pequeno.’ (WIESEMANN, 2002, p. 62)

(9) a. ãn ter kÿ ěg tóg fÿ tĩ  
 INDEF morrer.NMLZ SUB 1PL MS chorar AUX.IMPERF  
 ‘Quando alguém morre, choramos.’ (WIESEMANN, 2002, p. 19)

b. vãju kamẽ ã=tóg nĩ  
 fumar ADV 2SG=MS estar.sentado.AUX  
 ‘Você fuma muito.’ (WIESEMANN, 2002, p. 93)

Outra propriedade sintática de *tóg* não mencionada por Wiesemann (2002) relaciona-se com a possibilidade de marcar adjuntos circunstanciais, conforme é observado nos exemplos em (10). No entanto, a forma *tóg* não ocorre com objetos diretos e indiretos.

(10) a. ãri tóg, inh=prũfêr tĩ  
 hoje MS 1SG=fome.de.carne AUX.IMPERF  
 ‘Hoje estou com fome de carne.’ (WIESEMANN, 2002, p. 75)

b. goj nig ki tóg, mro há nĩ  
 água poço LOC MS banhar bom estar.sentado.AUX  
 ‘É bom nadar na lagoa.’ (WIESEMANN, 2002, p. 65)

As orações fornecidas em (10) têm em comum a característica de apresentar o constituinte sintático marcado por *tóg* em uma posição de tópico da sentença. Ao observar a distribuição de *tóg* em diversos ambientes sintáticos, é esperado que a função de marcar o sujeito, especificando-lhe um papel sintático na oração, por ser mais gramatical, ainda coexista com aquelas funções menos gramaticais como um elemento marcando constituintes topicalizados, como em (10). A próxima seção destina-se ao exame das prováveis fontes diacrônicas que resultaram na gramaticalização de morfemas específicos para marcar o sujeito S/A nas línguas Kaingáng, Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna.



## 2. FONTES DIACRÔNICAS E GRAMATICALIZAÇÃO DAS ‘MARCAS DE SUJEITO’ EM LÍNGUAS JÊ

Em Kaingáng, Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna, as formas *tóg* e *ra* (~ *ta*) descritas como ‘marca de sujeito’ correspondem a marcadores de caso nominativo em seus usos mais gramaticais. Do ponto de vista diacrônico, marcadores de caso desenvolvem-se com mais frequência a partir de adposições, palavras adverbiais com propriedades semânticas semelhantes a adposições, demonstrativos ou artigos, sendo estes últimos relacionados a pronomes (HARRIS; CAMPBELL, 1995, p. 341; KULIKOV, 2009, p. 440-447). Em boa parte das línguas Jê, vários marcadores de argumentos (S/A) de predicados verbais e não verbais originaram-se de posposições que originalmente exprimem caso genitivo, dativo, instrumental e locativo (MIRANDA; COSTA, 2019; MIRANDA, 2021).

Do ponto de vista comparativo, diversas línguas Jê Setentrionais apresentam a forma *ta*, cujo *status* lexical e usos gramaticais variam em larga medida. Este é o caso das línguas faladas pelos povos Apinajé, Canela (Ramkôkamekra) e Krahô, para as quais Oliveira (2005, p. 410) e Popjes e Popjes (1986, p. 175) descreveram as formas *təm* e *ta* como ‘terceira pessoa enfática’, respectivamente, enquanto Miranda (2014, p. 107) interpretou-a para a última língua como uma forma ‘enfática’, como em (11).

- (11) **ta**,    wa    nê    a=mã    hõ-r    nare  
ENF    1SG    NEG    2SG=DAT    dar-NMLZ    NEG  
‘Esse, eu não dou para você.’ (MIRANDA, 2014, p. 107)

Na língua Xikrin do Cateté, Costa (2015, p. 78) inclui a forma *ta* no conjunto de pronomes pessoais como expressão de terceira pessoa, podendo exercer tanto uma função nominativa quanto absoluta. Situação análoga é a língua Laklãnô (Xoklêng), cujo pronome de terceira pessoa masculina singular (Série nominativa) corresponde à forma *ta* (GAKRAN, 2015, p. 176).

Em Xavante, Lachnitt (2003, p. 68) registra *ta* como um “pref(ixo)-demonstrativo”, significando ‘esse’, ‘essa’. Outras línguas e, em alguns casos, uma mesma língua parecem combinar a forma *ta* com elementos enfáticos, dêiticos (locativos) ou indefinidos, resultando na formação de demonstrativos, como *ta ne* ‘aquele’, ‘ele’, que Jefferson (2013, p. 248) descreve para a língua Mëbêngôkre falada pelo povo Mëtyktire (Txucarramãe). Em Xerente, *ta bã* exprime ‘aquele’, ‘ali’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 134), enquanto em Laklãnô (Xoklêng) as combinações *bã ta* (-perto do falante, +visível) e *ũ ta* (-perto, +/- visível) são mais gramaticalizadas e integram o sistema de demonstrativos da língua (GAKRAN, 2015, p. 107). Para a língua Xikrin do Cateté, Costa (2015, p. 85) menciona a possibilidade de *ta* combinar-se com os demonstrativos *jà* ‘este(a)’ e *wã* ‘aquele(a)’, produzindo as formas compostas *ta jã* ‘ele, que está perto do falante’ e *ta wã* ‘ele, que está distante do falante’. Kaingáng, por sua vez, apresenta o demonstrativo *tã* que Wiesemann (2002, p. 84) registra como ‘lá longe.’ Neste conjunto de línguas, Tapayuna é o único membro em que o morfema (indefinido) *thõ* junta-se com a forma *ra*, obtendo-se a combinação *thõra* ‘longe do ouvinte (longe de ambos)’ (CAMARGO, 2015, p. 109). Assim, é concebível que a forma *ta* tivesse sido originalmente um demonstrativo dêitico-espacial, o qual corresponde à protoforma *\*ta*, *tam* do Proto-Jê (DAVIS, 1966, p. 23) e à forma *\*tã* (*ki*) reconstruída por Jolkesky (2010, p. 233) para o Proto-Jê Meridional, significando ‘dêitico distal invisível localizado’.

Em Kĩsêdjê (Suyá), as formas *ta/ayta*<sup>7</sup> e os pronomes demonstrativos *ita* (próximo ao falante), *ata* (próximo ao ouvinte) e *nira* (afastado do falante e ouvinte)<sup>8</sup> são usados em referência à terceira pessoa (singular/plural), os quais constituem uma série pronominal específica (Série IV), conforme é mostrado no Quadro 1.

<sup>7</sup> A partir da forma *ayta* pode-se depreender o morfema de número *ay*, com o qual a forma *ta* se combina. O morfema *ay* expressa número paucal/plural e é o resultado da gramaticalização da palavra coletiva *\*ari* ‘grupo limitado’ comum a outras línguas Jê, como Mëbêngôkre e Panará (MIRANDA, 2020, p. 259-263). A forma atual *ay* seria, portanto, o produto da eliminação da consoante /r/, produzindo a forma monossilábica *ai*, mas registrada na ortografia como <ay>.

<sup>8</sup> A estes demonstrativos é acrescido o sufixo *-ye* e assim são obtidas as formas plurais *itaye*, *ataye* e *niraye* (SANTOS, 1997, p. 61).

Os pronomes dessa série diferem das demais “porque participam em construções enfáticas como elemento topicalizado” (grifos meus) (SANTOS, 1997, p. 58). Trata-se, na realidade, de construções em que o pronome é topicalizado pela partícula *n(a)* ‘tópico’.

**Quadro 1** - Pronomes pessoais Série IV em Kĩsêdjê (Suyá).

	SINGULAR	PLURAL
1	<i>pa</i>	<i>aypa</i>
2	<i>ka</i>	<i>ayka</i>
1+2	<i>kuḡa</i>	
3	<i>ta (ita, ata, nira)</i>	<i>ayta (itaye, niraye)</i>

**Fonte:** Santos (1997, p. 46).

Baseado nesses fatos, é plausível que a marca de sujeito *ra* (~ *ta*) em Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna originou-se de um demonstrativo dêitico espacial, o qual corresponde às formas e funções atestadas em línguas como Kaingáng e Xavante. Demonstrativos constituem uma das principais fontes para a gramaticalização de pronomes de terceira pessoa (DIESSEL, 1999, p. 119; HEINE; SONG, 2011, p. 595; KUTEVA *et al.*, 2019, p. 142). Como pronome pessoal, a forma *ta* é encontrada somente em Kĩsêdjê (Suyá), em que pode substituir um referente nominal e ser seguida pelo marcador de tópico *n(a)*, como em (12). Contudo, quando a referência à terceira pessoa é realizada por demonstrativos, estes recebem o marcador *ra* tanto nessa língua quanto em Tapayuna, como indicam os exemplos em (13) e (14) respectivamente.

(12) **ta=n** aḡi kake  
 3SG=TOP REFL arranhá  
 ‘Ele se arranhou.’ (SANTOS, 1997, p. 49)

(13) **ita ra** wa-mũ  
 3SG MS 1PL.INCL-ver  
 ‘Ele nos viu.’ (SANTOS, 1997, p. 53)

(14) kere, **atha ra** ku-re wĩḡĩ wĩĩ kere  
 NEG DEM MS 3SG-ERG jacaré matar NEG  
 ‘Não, ele não matou o jacaré.’ (CAMARGO, 2015, p. 104)

A forma *tóg* na língua Kaingáng apresenta uma situação mais complexa em relação aos casos examinados até agora, em razão dos diversos contextos sintáticos em que ela pode aparecer e das funções gramaticais que pode exercer em cada um deles (Seção 2). É provável que *tóg* também seja relacionado historicamente a um antigo demonstrativo dêitico-espacial<sup>9</sup> similar ao que foi proposto para a forma *ra* (~ *ta*) em Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna. Na variedade do Kaingáng falada no Paraná, há evidências de ter havido tal elemento em algum estágio histórico, conforme é indicado nos exemplos em (15), ao lado dos demonstrativos mais comuns e registrados por Wiesemann (2002, p. 161).

<sup>9</sup> Este demonstrativo dêitico espacial não deve ser confundido com a atual forma homônima *tóg* em Laklãnō (Xoklég), uma vez que esta é o reflexo sincrônico da protoforma *\*tag* ‘dêitico proximal visível’ que Jolkesky (2010, p. 233) reconstrói para o Proto-Jê Meridional.



- (15) a. *ti=mỹ tóg kórég nĩ*  
 3SG.MASC=DAT DEIT feio estar.sentado.AUX  
 ‘Ele não gosta disto.’ (Lit. Para ele, isto (sentado) é feio) (WIESEMANN, 2002, p. 63)
- b. *inh=mỹ tóg há tĩ*  
 1SG=DAT DEIT bom AUX.IMPERF  
 ‘Gosto disto/É bom para mim.’ (Lit. Para mim, isto é bom) (WIESEMANN, 2002, p. 63)

Outra função gramatical de *tóg* é a de pronome de terceira pessoa localizada/definida, cujo uso seja dependente do contexto discursivo-pragmático, tal como é típico de casos envolvendo dêiticos em uma função pronominal. As orações em (16) mostram o emprego de *tóg* com essa função gramatical, em que o sujeito de terceira pessoa não é expresso na oração subordinada, mas sua referência é expressa na oração principal pela forma *tóg*.

- (16) a. *ti=sâpe kugrỹ-r vãm jé tóg vyr*  
 3SG.MASC=chapéu costurar.PL-NMLZ vender FIN 3SG.MASC ir.PERF  
 ‘Ele foi vender os seus chapéus costurados.’ (Lit. Para vender os chapéus costurados dele, ele foi) (WIESEMANN, 2002, p. 54)
- b. *kỹ tóg inh=nĩjê ki tãnh mũ*  
 MD 3SG.MASC 1SG=nariz LOC bater AUX.PERF  
 ‘Então ele bateu forte no meu nariz.’ (WIESEMANN, 2002, p. 84)

Como extensão dessa função, a forma *tóg* pode ser usada para retomar anaforicamente<sup>10</sup> constituintes sintáticos topicalizados na função de sujeito de orações principais (17a) e argumentos S/O de orações subordinadas (17b). Como pronome anafórico, a sentença (17a) pode ser parafraseada como *O nariz dele, ele está sangrando*.

- (17) a. *ti=nĩjê<sub>i</sub> tóg<sub>i</sub> kyvénh mũ*  
 3SG.MASC=nariz 3SG.ANAF sangrar AUX.PERF  
 ‘O nariz, ele está sangrando.’ (WIESEMANN, 2002, p. 66)<sup>11</sup>
- b. *êg=tỹ ku-r<sub>i</sub> kãnhkrũnh kỹ tóg<sub>i</sub> nũgnũj nĩ*  
 1PL=OBL vestir-NMLZ afrouxar SUB 3SG.ANAF frouxo estar.sentado.AUX  
 ‘Quando afrouxamos a roupa ela fica frouxa.’ (WIESEMANN, 2002, p. 43)

Evidências adicionais de uma função anafórica exercida por *tóg* podem ser obtidas em observação ao marcador *vỹ*, cuja ocorrência é restrita a argumentos nominais, indicando que o “sujeito é tópico” da oração (WIESEMANN, 2002, p. 100, 160). Ainda que ambos marcadores possam coocorrer lado a lado, em um único contorno entonacional, como em (18b), do ponto de vista sintático, eles pertenceriam a constituintes distintos.

- (18) a. *inh=manỹnỹ vỹ tóg kógnã-j nĩ*  
 1SG=banana TOP 3SG.ANAF amassar-NMLZ estar.sentado.AUX  
 ‘Minha banana amassou.’ (Lit. É minha banana que ela está amassada) (WIESEMANN, 2002, p. 48)

<sup>10</sup> Para Wiesemann (1986, p. 378), é o demonstrativo *ên* ‘aquilo lá’ que corresponde à forma anafórica.

<sup>11</sup> Neste exemplo, mantenho a tradução original tal qual aparece na obra de Wiesemann (2002, p. 66), da qual o dado foi extraído, mas que poderia também ser traduzido como *O nariz dele está sangrando*.

- b. ãn kaga=ag vỹ tóg, krónhkrój nỹ tĩ  
 INDEF doente=PL TOP 3SG.ANAF fraco.PL estar.deitado AUX.IMPERF  
 ‘Os doentes estão fracos.’ (Lit. Alguns doentes, eles estão fracos) (WIESEMANN, 2002, p. 52)

Outra função ainda mais gramatical de *tóg* é caracterizada pelo seu uso como marcador de caso nominativo. Aqui, é importante destacar a atuação de processos semântico-pragmáticos (extensão e dessemantização) e morfossintáticos (de categorização), os quais foram fundamentais para o desenvolvimento dessa nova função e para o processo de gramaticalização como um todo. Do ponto de vista da extensão, o marcador de caso *tóg* passa a abranger tanto argumentos nominais (19) quanto pronominais (20). Do lado da dessemantização, tem-se a perda de conteúdo semântico, como por exemplo, suas propriedades dêitico-espaciais, generalizando-se e cumprindo uma função estritamente gramatical na marcação de argumentos de predicados verbais e não verbais. Em termos de decategorização, observa-se a perda de sua liberdade sintática quanto a sua ocorrência em distintas posições, como em seus usos dêiticos em (15), tornando-se restrito ao sujeito da oração.

- (19) a. fêñenh tóg, gãr kagra=ja nĩ  
 tatuzinho NOM milho comer=PERF estar.sentado.AUX  
 ‘O tatuzinho comeu todo o milho.’ (WIESEMANN, 2002, p. 18)

- b. ã=ku-r tóg, tor pẽ nĩ  
 2SG=vestir-NMLZ NOM sujo ADV estar.sentado.AUX  
 ‘A sua roupa está bem suja.’ (WIESEMANN, 2002, p. 87)

- (20) a. kỹ sóg<sup>12</sup>, ti=ĩn tá kãkutẽ mũ  
 MD 1SG.NOM 3SG.MASC=casa LOC sair AUX.PERF  
 ‘Então saí da casa dele.’ (WIESEMANN, 2002, p. 42)

- b. vãju kamẽ ã=tóg nĩ  
 fumar ADV 2SG=NOM estar.sentado.AUX  
 ‘Você fuma muito.’ (WIESEMANN, 2002, p. 93)

Em razão das diferentes funções gramaticais que as ‘marcas de sujeito’ podem desempenhar em Kaingáng, Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna, é perfeitamente possível e, até certo ponto, esperado, que elas possam coexistir com aquelas funções menos gramaticais nas línguas em questão. O exame do comportamento desses morfemas gramaticais em diferentes tipos de construções é ilustrativo de como eles podem ser melhor compreendidos em observação às fontes diacrônicas a partir das quais surgiram e às diferentes funções exercidas por eles. Na seção seguinte, argumento que a emergência de novos marcadores de caso, notadamente, caso nominativo, constitui uma inovação gramatical em tais línguas e na família Jê, mais amplamente, caracterizando tais desenvolvimentos diacrônicos como um caso típico de poligramaticalização (CRAIG, 1991).

<sup>12</sup> A combinação do marcador de caso *tóg* com o pronome de primeira pessoa do singular *inh* pode resultar nos alomorfes *isóg* ~ *sóg* como produto da queda de segmentos e mudanças fonéticas (NASCIMENTO, 2013, p. 38), em que consoante alveolar desvozeada /t/ é realizada foneticamente como fricativa alveolar surda [ʃ] quando antecedida de segmentos nasais, tal como é ilustrado no exemplo abaixo,

- a. krĩ=vẽnhmỹ isóg nĩ  
 cabeça=triste 1SG.NOM estar.sentado.AUX  
 ‘Estou preocupado.’ (WIESEMANN, 2002, p. 52)

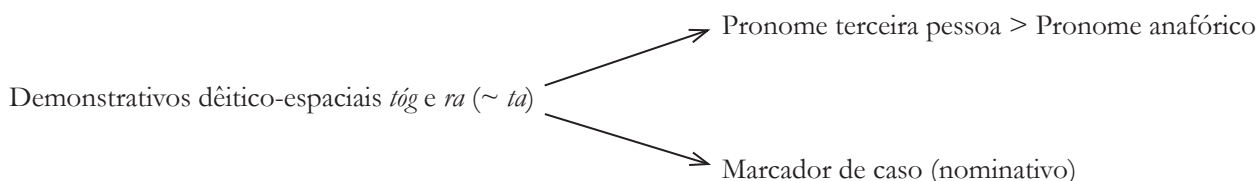
### 3. DISCUSSÃO

Padrões de marcação de caso em línguas da família Jê são bem conhecidos pelas múltiplas configurações morfossintáticas que as construções oracionais podem apresentar e pelos distintos fatores que os determinam em cada língua e, até mesmo, dentro de uma mesma língua. Com base nos dados examinados, à primeira vista, a sequência de desenvolvimentos gramaticais poderia ser concebida como uma cadeia de gramaticalização (*grammaticalization chain*) (HEINE, 1992), que podemos esquematizar em (21).

(21) DEMONSTRATIVO > PRON. TERCEIRA PESSOA (> PRON. ANAFÓRICO) > MARCADOR DE CASO

A proposição de tal cadeia de gramaticalização levanta a questão de como relacionar a função de marcador de caso a pronomes anafóricos, como em Kaingáng, visto que eles não compartilham traços comuns. Sem negar a existência de diferenças cadeias, a situação das línguas Jê analisadas é mais consistente com o que Craig (1991, p. 486) denomina de *poligramaticalização*, que é definida “como uma multiplicidade de cadeias de gramaticalização que podem originar-se em um morfema lexical particular”<sup>13</sup>. A justificativa para um cenário de poligramaticalização baseia-se na observação das potenciais funções gramaticais que podem desenvolver-se a partir de demonstrativos, como pronomes pessoais e anafóricos (GIVÓN, 2001, p. 470), como é mostrado na Figura 1, sem que elas estejam necessariamente entrelaçadas em uma ordem linear, assim como a atuação de parâmetros de gramaticalização em um domínio, mas ausente em outros.

**Figura 1** - Poligramaticalização dos demonstrativos *tóg* e *ra* (~ *ta*) em Kaingáng, Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna.



**Fonte:** o autor.

A maioria das línguas Jê compartilham uma forma *ta* que Davis (1966, p. 23) reconstruiu a protoforma *\*ta, tam* como um pronome de terceira pessoa. De fato, algumas línguas gramaticalizaram um pronome de terceira pessoa (singular), como Kĩsêdjê (Suyá) e Xikrín do Cateté, a partir da forma *ta*, enquanto em outras línguas, como o Krahô, esse demonstrativo é usado para fins de ênfase, sinalizando que seu emprego tenha sido (e ainda seja) dependente do contexto discursivo-pragmático. Propriedades dêíticas, como localização espacial do referente relativa ao falante e interlocutor e visibilidade, teriam sido conservadas em seu uso enfático.

A outra via de gramaticalização teria sido uma em que as formas *ra* (~ *ta*) e *tóg* fossem usadas em oposição a um referente nominal, numa construção do tipo *X, aquele (distante) faz/é Y*, que, na sequência, é reinterpretada como *X NOM faz/é Y*, em que o demonstrativo torna-se um marcador de caso nominativo. Este cenário é semelhante ao que McGregor (2008, p. 312) propõe para algumas línguas australianas que desenvolveram marcadores de caso a partir de itens indiciais (*indexical items*) como pronominais e demonstrativos dêitico-espaciais. Nessas línguas, marcadores genitivos e ergativos derivaram de pronomes de terceira pessoa ou determinantes (definidos ou indefinidos/interrogativos), usados para destacar agentes inesperados no contexto discursivo. Em Kĩsêdjê (Suyá), algumas propriedades semântico-pragmáticas da fonte diacrônica teriam sido mantidas, tal como localização espacial, e, conseqüentemente, estendidas para outros domínios conceituais

<sup>13</sup> Texto original: “[...] as a multiplicity of grammaticalization chains that may originate in one particular lexical morpheme” (CRAIG, 1991, p. 486).

mais abstratos, como tempo, criando um efeito de distância temporal, em contraste com construções de tópico marcadas pelo morfema *n(a)*, conforme Santos (1997, p. 82) observou e é mostrado no seguinte par de exemplos em (22).

- (22) a. liana     **ra**     kafe     η-ĩhwere  
           N.PESS    MS     café     R<sup>1</sup>-fazer  
           ‘Liana fez café (acabou de fazer faz tempo).’ (SANTOS, 1997, p. 82)
- b. liana=**n**     kafe     η-ĩhwere  
           N.PESS=TOP    café     R<sup>1</sup>-fazer  
           ‘Liana fez café (acabou de fazer agora).’ (SANTOS, 1997, p. 82)

Com respeito ao caso nominativo marcado em Kĩsêdjê (Suyá), é importante ainda destacar o que Santos (1997, p. 159) considerou ser uma cisão condicionada pela natureza semântica da locução nominal, em que “as orações com S ou A nominais têm um padrão de marcação de caso diferente do que ocorre em orações com S e A pronominais” (SANTOS, 1997, p. 159). Explicações para cisões condicionadas pela natureza semântica do sintagma nominal nas funções S, A e O, geralmente, recorrem à hierarquia referencial/de animacidade que favorecerá a marcação explícita de certos tipos de sintagmas nominais em oposição a outros (veja-se, por exemplo, Cristofaro (2013, 2019) para uma discussão mais ampla acerca dessa questão). Assim, Dixon (1994, p. 84) afirma que se pronomes e nomes exibem marcação de caso diferente, o sistema pronominal será acusativo e o sistema nominal ergativo, e jamais o contrário. Com base nessa previsão tipológica é que os fatos reportados pelas línguas Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna constituiriam uma ‘exceção’ ao que seria usualmente esperado, visto que argumentos nominais são marcados pelo caso nominativo, enquanto argumentos pronominais são marcados ora em um sistema nominativo-acusativo, ora em um sistema ergativo-absolutivo.

Em defesa de uma abordagem orientada para fonte de universais tipológicos ao invés daquela orientada para o resultado, Cristofaro (2019, p. 27) argumenta que a primeira fundamenta-se na ideia de que padrões tipológicos, por exemplo, padrões de alinhamento, devem ser explicados em atenção aos processos diacrônicos efetivos que lhes deram origem em lugar das propriedades sincrônicas do padrão em si. Em outras palavras, particularidades e/ou restrições de um dado padrão gramatical podem estar relacionadas com restrições distribucionais da fonte diacrônica da qual se desenvolveu. Em Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna, a restrição da marcação de caso em argumentos nominais (S/A) é explicada em referência à origem dêitico-espacial da forma *ra* (~ *ta*), que não ocorre com pronomes pessoais. Logo, a cisão na marcação de caso não estaria ligada necessariamente à natureza semântica do sintagma nominal, como foi justificada por Santos (1997, p. 159), mas está intimamente relacionada às propriedades semântico-pragmáticas e morfossintáticas do item lexical que serviu de meio apropriado para o desenvolvimento de diferentes funções gramaticais.

Ao lado desses casos, a língua Kaingáng parece apresentar um estágio mais avançado no processo de gramaticalização de marcadores de caso, não só pelo número de marcadores de caso nominativo (D’ANGELIS, 2004, p. 73; WIESEMANN, 2002, p. 159-160), mas também pela abrangência de alguns deles, conforme foi demonstrado a partir do marcador *tóg*. O percurso de gramaticalização, por sua vez, difere em alguns detalhes daquele reportado para as línguas Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna. Além de funcionar como um pronome de terceira pessoa (singular), a forma *tóg* teria estendido seu uso para fins anafóricos. Apesar dos exemplos (16) e (17) mostrarem claramente uma função dêitica e pronominal de *tóg*, respectivamente, nas fontes consultadas, não há qualquer menção sob quais situações elas seriam distinguíveis. Uma hipótese é de que *tóg* tenha sido (e, provavelmente, ainda seja) usado em situações dependentes do contexto discursivo-pragmático em que objetos e participantes envolvidos no evento de fala são indicados e apontados mediante certos parâmetros referenciais, como localização espacial, distância e visibilidade.

Alternativamente como marcador de caso nominativo, nota-se aqui a atuação e interação de parâmetros semântico-pragmáticos (extensão e dessemantização) e morfossintáticos (de categorização) responsáveis pela

gramaticalização de *tóg* em Kaingáng, que tornaram seu emprego mais amplo e ainda mais gramatical, o que não ocorre nas línguas Kisêdjê (Suyá) e Tapayuna. Embora Wiesemann (2002, p. 87, 160) afirme que o uso de *tóg* indica que o sujeito é agente, outro efeito da extensão teria sido a marcação desse papel sintático em diferentes tipos de predicados não verbais.

Uma questão digna de nota diz respeito à existência de vários marcadores de caso nominativo em Kaingáng, tornando-o um caso peculiar na família Jê. Uma explicação viável para tal situação pode estar relacionada direta ou indiretamente a mudanças gramaticais mais gerais, em que uma delas levou à redução de seu sistema pronominal e manutenção apenas da série pronominal absoluta (WIESEMANN, 1986). A consequência dessa mudança teria sido a reestruturação do sistema de marcação de caso mediante o desenvolvimento de novos marcadores de caso para distinguir os papéis sintáticos nas funções S, A e O de diversos tipos de predicados, em contraste com padrões de marcação restritos a certas configurações oracionais ou ambientes estruturais, por exemplo, orações nominalizadas no aspecto estativo, alguns tipos de orações subordinadas e modos verbais. Essas mudanças teriam promovido uma reconfiguração tipológica da língua Kaingáng no domínio da marcação de caso, movendo-a para um tipo de língua com aumento de caso, segundo a classificação de Kulikov (2009, p. 454-455).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Liriana de; SANTOS, Ludoviko Carnasciali dos. A concordância de número em Kaingáng. *In: LIMA, Stella Virginia Telles de Araujo Pereira; PAULA, Aldir Santos (ed.). Topicalizando Macro-Jê*. Recife: Nectar, 2008.
- CABRAL, Ana Suelly Arruda; MIRANDA, Maxwell Gomes; GAKRAN, Nanblá. Verbos posicionais em línguas da família Jê (tronco Macro-Jê). *Polifonia*, Cuiabá, v. 25, n. 38, p. 01-192, 2018.
- CAMARGO, Nayara da Silva. *Tapayuna (Jê): Aspectos morfossintáticos, históricos e sociolinguísticos*. 2015. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- COSTA, Lucivaldo Silva da. *Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)*. 2015. 359 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- CRAIG, Colette Grinevald. Ways to go in Rama: a case study in poligrammaticalization. *In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (ed.). Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. (v. 2: Focus on types of grammatical markers).
- DAVIS, Irvine. Comparative Jê phonology. *Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 10-24, 1966.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Concordância verbal de número em Kaingáng: algumas pistas. *LLAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 71-81, 2004.
- DIESSEL, Holger. *Demonstratives: form, function and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- DIXON, Robert Malcolm Ward. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GAKRAN, Nanblá. *Elementos fundamentais da gramática Laklânô*. 2015. 248 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: A introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, v. 1.



- GONÇALVES, Solange Aparecida. *Tempo, Aspecto e Modo em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê)*. 2011. 314 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- GUEDES, Marymarcia. *Suyá, “a língua da gente”*: um estudo fonológico e gramatical. 1993. 277 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- HARRIS, Alice Carmichael; CAMPBELL, Lyle. *Historical Syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization chains. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 16, n. 2, p. 335-368, 1992.
- HEINE, Bernd; SONG, Kyunoan. On the grammaticalization of personal pronouns. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 47, p. 587-630, 2011.
- JEFFERSON, Kathleen. *Gramática pedagógica Kayapó*. Anápolis: Sociedade Internacional de Linguística, 2013.
- JOLKESKY, Marcelo Pinho De Valhery. *Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional*. 2010. 349 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- KÖNIG, Christa. Marked nominative in Africa. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 30, n. 4, p. 655-732, 2006.
- KULIKOV, Leonid. Evolution of case systems. In: MALCHUKOV, Andrej; SPENCER, Andrew (ed.). *The Oxford handbook of case*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 439-457.
- KUTEVA, Tania; HEINE, Bernd; HONG, Bo; LONG, Haiping; NARROG, Heiko; RHEE, Seongha. *World lexicon of grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- LACHINITI, Georg. *Dicionário Xavante/Português: Romnhitsi’ubumro a’uwe mre me – waradzu mre me*. 2. ed. Campo Grande: MSMT, 2003.
- MCGREGOR, William Bernard. Indexicals as sources of case markers in Australian languages. In: JOSEPHSON, Folke; SÖHRMAN, Ingmar (ed.). *Interdependence of diachronic and synchronic analyses*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- MIRANDA, Maxwell Gomes. *Morfologia e morfossintaxe da língua Krabô (Família Jê, tronco Macro-Jê)*. 2014. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- MIRANDA, Maxwell Gomes. A morfossintaxe do aspecto em línguas Jê: uma abordagem diacrônica. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 73-96, 2019.
- MIRANDA, Maxwell Gomes. Gramaticalização em línguas Jê (Macro-Jê): perspectivas sincrônicas e diacrônicas. In: MIRANDA, Maxwell Gomes; BORGES, Águeda Aparecida da Cruz; SANTANA, Áurea Cavalcante; SOUSA, Suseile Andrade (org.). *Línguas e culturas Macro-Jê: saberes entrecruzados*. Barra do Garças: GEDELLI, 2020.
- MIRANDA, Maxwell Gomes. Predicação não-verbal em línguas Jê (Macro-Jê): uma perspectiva tipológica. In: CAMARGOS, Quester Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim (org.). *Descrição e análise gramatical de línguas indígenas amazônicas*. Porto Velho: EDUFRO, 2021. p. 230-270.
- MIRANDA, Maxwell Gomes; COSTA, Lucivaldo Silva da. Posposiciones, marcación de caso y gramaticalización de patrones absolutivos en algunas lenguas Jê (Macro-Jê). In: GUERRERO, Lilián (ed.). *Adposiciones y elementos de su tipo en lenguas de América*. Ciudad de México: Editora de la UNAM, 2019. p. 147-190.



- NASCIMENTO, Márcia. *Tempo, Modo, aspecto e evidencialidade em Kaingang*. 2013. 140 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- NONATO, Rafael. *Clause chaining, switch reference and coordination*. 2014. 152 p. Thesis (Doctor of Philosophy in Linguistics) - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2014.
- OLIVEIRA, Christiane Cunha de. *The language of the Apinajé people of Central Brazil*. 2005. 444 p. Thesis (Doctor of Philosophy) - University of Oregon, Eugene, 2005.
- POPJES, Jack; POPJES, Jo. Canela-Krahô. In: DERBYSHIRE, Desmond Cyril; PULLUM, Geoffrey Keith (ed.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 128-199.
- SANTOS, Ludoviko Carnasciali dos. *Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá/Kisédjê (Jê)*. 1997. 186 f. Tese (Doutorado Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1997.
- SANTOS, Ludoviko Carnasciali dos. Aspectos do sistema de marcação de caso da língua Suyá. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 2, p. 231-242, 1999a.
- SANTOS, Ludoviko Carnasciali dos. Verbos de forma larga y de forma corta en Suyá. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN SOCIAL, 6., 1999, Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 1999b. p. 512-518.
- SANTOS, Ludoviko Carnasciali dos. Concordância de número em Kaingáng: um sistema parcialmente ergativo e parcialmente nominativo. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (org.). *Línguas e culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007. p. 145-152.
- SHELL, Olive; QUAIN, Buell. Grammatical Outline of Kraho (Ge Family). *International Journal of American Linguistics*, New York, v. 18, n. 3, p. 115-129, 1952.
- SOUSA FILHO, Sinval Martins de. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwe sXerente (Jê)*. 2007. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, 2007.
- URBAN, Greg. Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gè). *International Journal of American Linguistics*, New York, v. 51, n. 2, p. 164-187, 1985.
- WIESEMANN, Ursula. The pronoun systems of some Jê and Macro-Jê languages. In: Wiesemann, Ursula (ed.). *Pronominal systems*. Tübingen: Gunther Narr Verlag, 1986.
- WIESEMANN, Ursula. *Dicionário Kaingang: Português/Português - Kaingang*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.